

O Verdadeiro Local do Descobrimento do Brasil

Cel. Leopoldo Nery da Fonseca

Em Junho de 1940, sua Excelência o Senhor Presidente da República, baixou um decreto criando a Comissão Incumbida de Determinar o Verdadeiro Local do Descobrimento do Brasil, Comissão essa que foi integrada com as designações: do Ministro Bernardino José de Souza para Presidente; dos Comandantes Alves Camara e Oliveira Belo como representantes, respectivamente do Ministerio da Marinha e Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro; do Dr. Cristovão Leite de Castro, representante do Instituto Historico e Geografico Brasileiro e do autor desta monografia, representando o Ministerio da Guerra.

HISTORICO

O assunto já havia sido largamente debatido pelos estudiosos e muito ainda se tinha que fazer para resolver o problema em todos os seus detalhes.

Opinaram identificando o local da atual Baía Cabralia como sendo o primitivo Porto Seguro: Aires de Casal, Gandavo, Gabriel Soares de Souza e Manoel Pimentel, até que o Visconde de Porto Seguro, que havia concordado com êsse ponto de vista nas duas edições primeiras de sua *Historia Geral do Brasil*, apresentou em 1877 ao Instituto Historico e Geografico Brasileiro uma "NOTA ACERCA DE COMO NÃO FOI NA COROA VERMELHA, NA ENSEADA DE SANTA CRUZ, QUE CABRAL PRIMEIRO DESEMBARCOU E EM QUE FEZ DIZER A PRIMEIRA MISSA."

O Visconde de Porto Seguro foi brilhantemente contestado pelo General Henrique de Beaurepaire Rohan, que apresentou ao mesmo Instituto, uma memoria intitulada "O PRIMITIVO E O ATUAL PORTO SEGURO."

Em 1895 a Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, publicou uma conferencia do Comendador Oliveira Catramby, sustentando o ponto de vista tradicional, que o Visconde tentou romper, não entrando porem num exame detalhado da Carta de Caminha e sua confrontação com o terreno.

Em 1899, foi publicada a brochura: "ESTUDOS SOBRE A BAÍA CABRALIA E VERA CRUZ", feitos por ordem do Governador do Estado da Baía, Exmo. Snr. Conselheiro Luiz Viana, pelo major do Exército Salvador Pires de Carvalho e Aragão, contendo um exame mais cerrado do assunto, concluindo pela solução tradicional e mais ainda localizando o ponto onde fôra por Cabral levantada uma Cruz padrão e rezada a segunda Missa.

O trabalho do Major Salvador Pires, resultado da conjugação da topografia do terreno com a interpretação do texto de Caminha, firmou a nosso ver a solução dos dois problemas que a Comissão tinha a resolver, como se verá mais adiante.

Em 1943, o Snr. Jaime Cortezão, publicou "A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA" e em 1944, "CABRAL E AS ORIGENS DO BRASIL."

Em ambos esses estudos magistrais, a erudição do autor, mais uma vez deu golpe de morte na discrepância do Visconde de Porto Seguro, alinhando-o entre os restantes dos seus predecessores e deixando definitivamente assentado, que o PRIMITIVO PORTO SEGURO, isto é, o local onde Cabral surgiu nas nossas costas, não é senão a atual BAÍA CABRALIA.

Quanto ao ponto onde foi elevada a cruz simbolica e celebrada a segunda missa, o Snr. Jaime Cortezão discorda no tocante à solução apresentada pelo Major Salvador Pires, a qual reputa duplamente errada, já sob o ponto de vista da escolha da região onde o ponto devia encontrar-se, já no que se refere à locação topografica do mesmo ponto escolhido por Cabral na sexta-feira 1.º de Maio (Caminha).

O ultimo trabalho do Snr. Cortezão, resultou de um pedido do Presidente da Comissão, Snr. Ministro Bernardino José de Souza, que, segundo o seu autor... "deu-nos a honra de pedir o nosso parecer, em relatorio, sobre a parte de identificação topografica, dos trabalhos a que presidia". (Cabral e as Origens do Brasil. J. Cortezão).

Sangue novo trouxe o Snr. Cortezão com as suas pesquisas do texto de Gabriel Soares de Souza, do Roteiro Atlas de Luiz Teixeira

e do mapa "Porto Seguro no livro que dá razão do Estado do Brasil". (Cabral e as Origens do Brasil).

Esses documentos, ótimos para a solução definitiva da posição da primitiva Baía de Porto Seguro, são porem insuficientes para levar-nos ao terreno e lá orientar-nos com precisão a respeito do *local da cruz*, o que somente pode ser feito, PELA LOGICA conjugada à TOPOGRAFIA, justamente aquilo que nós vamos tentar.

RECORDANDO A QUESTÃO

Os Comandantes Alves Camara e Oliveira Belo e nós, apresentamos nossos relatorios ao Snr. Ministro Bernardino, Presidente da Comissão, porem até hoje não houve qualquer solução que pudesse autorizar a construção do MONUMENTO de nossa autoria, entregue à Comissão naquela epoca, não obstante ter sido executado um levantamento aerofotogrametrico por tecnicos navais, de toda a zona costeira a estudar, e termos os três percorrido o terreno em pesquisas de detalhes.

Convem frizar que as nossas incumbencias estavam resumidas nos dois problemas seguintes:

1.º) — Determinar o local onde a armada de Cabral surgiu no Sabado 25 de Abril. (Caminha).

2.º) — Localizar o ponto onde foi levantada uma CRUZ simbolica e celebrada a segunda missa.

Como resultante dos nossos estudos procedidos, concluimos por Baía Cabralia como sendo o PRIMITIVO PORTO SEGURO: os Comandantes Alves Camara e Oliveira Belo, o Dr. Leite de Castro e nós. O Snr. Ministro Bernardino em palestra conosco tambem mostrou-se favoravel a essa solução.

Creemos estar este primeiro problema definitivamente resolvido, não obstante a autoridade de Sua Excelência, o Snr. Almirante Gago Coutinho, haver posto em duvida que a arribada de Cabral em Baía Cabralia correspondesse à verdade histórica.

Diz o Snr. Jaime Cortezão, referindo-se ao Almirante: "Mas ouvimo-lo de viva voz e em conversa particular sobre o assunto. Ao que nos pareceu as suas duvidas assentavam fundamentalmente em duas razões. Sobrevoando Baía Cabralia, não distinguira, junto da chamada Ponta da Corôa Vermelha, qualquer ilhéu, em que Pedro Alvares

Cabral e seus tripulantes pudessem assistir à celebração da primeira Missa.”

Acrescenta o Snr. Jaime Cortezão: “Como não visitamos o local, por qualquer via, — o que tanto desejaríamos fazer — não podemos pronunciar-nos com a segurança própria.”

Aos nossos argumentos, nós porem, podemos emprestar a segurança emanada da observação local, porquanto, percorremos em “lombo de burro” toda essa região litoranea desde Belmonte, e na qualidade de Engenheiro da “Panair do Brasil S. A.”, sobrevoamos vinte vezes a Baía Cabralia entre 1941 e 1943, percebendo sempre o ILHÉU da COROA VERMELHA, ora a ser lavado pelas ondas, ora descoberto, conforme o regime das marés.

Refere ainda o Snr. Cortezão, que a segunda razão de duvida do Almirante é consequencia da passagem “e fomos desembarcar rio acima contra o sul”. Na sua opinião a confusão que levou o Almirante a julgar a manobra impossivel em relação ao Mutarí, originou-se da leitura do texto desfigurado de Carolina Michaelis de Vasconcelos, em sua interpretação do original da Carta de Caminha, onde reza que o desembarque se dera “acima do rio” e não “rio acima”, o que muda inteiramente o sentido da frase.

A segunda razão de dúvida do Almirante foi magistralmente desfeita pelo Snr. Cortezão.

Ainda ha um assunto a esclarecer no belo estudo deste autor, que é a questão da grandeza do ilhéu, porquanto Caminha se refere a um “Ilhéu grande”... e o Snr. Cortezão, no tocante ao da Corôa Vermelha, afirma:

(Tão pouco pela sua extensão merece o nome de “Ilhéu Grande”) (A Carta de Pero Vaz de Caminha, J. Cortezão, pg. 43).

Encontramos em BLUTEAU, (Vocabulario Português e Latino) — “ILHÉU, Ilhéu, Ilheta, ou ilhota. Ilha pequena”, donde se conclue que ilhéu é uma ilha pequena, o que para nós pouco adianta, porem se recorremos aos Roteiros vamos elucidar a questão sobre o que se pode considerãr ilhéu grande.

No Roteiro de Dom Joam de Castro, da viagem que fizeram os Portugueses ao Mar Roxo, em 1541”, pg. 125, lê-se:

“Bem no meio da entrada, e da boca deste porto está um grande ilheo, o qual terá de comprido até huum tiro de bésta, e quasi outro tanto de largo...”

Pelo critério do Snr. Cortezão quanto ao alcance das béstas, (de 140 a 150 metros), podemos afirmar, que um ilhéu era considerado grande pelos navegantes do século XVI, quando apresentava mais ou menos uma área de 150x150 metros, sendo essas medias simples estimativas.

E' justamente dentro dessas dimensões, que se acha o Ilhéu da Corôa Vermelha nas marés baixas.

Outra suposição errônea, que por aí corre, é que o ilhéu é forçosamente de pedra, senão vejamos:

A definição de Bluteau, cinge-se ao diminutivo, sem entrar na composição geologica, porem se recorremos a VIEIRA, Laudelino Freire e outros vamos encontrar para sinonimos: — ilhota, farelhão e rochedo no mar, o que indica poder o ilhéu ser de pedra ou não. Na PRATICÁ da ARTE de NAVEGAR de Luiz Serrão Pimentel, (Publicação da Agencia Geral das Colonias, pg. 164) lê-se:

...“e nessa enseada, a oesnordeste da Ilha das Flores, estão quatro ou cinco ilhéus de pedra a meia legua da terra”... Se o Ilhéu fosse obrigatoriamente de pedra, a frase seria pleonastica.

O SEGUNDO PROBLEMA

Quanto ao segundo problema, isto é, ao local onde foi levantada a primeira Cruz e celebrada a segunda Missa, as divergencias foram grandes, mesmo no seio da Comissão. Os Comandantes Alves Camara e Oliveira Belo e o Dr. Leite de Castro, acharam que a Cruz foi chantada em um local ao Sul da boca do Mutarí, enquanto nós, no nosso Relatório opinavamos por um ponto na restinga ao norte da foz desse Rio.

O Snr. Jaime Cortezão, pelo confronto da Carta de Caminha com os documentos cartograficos, chegou à mesma solução que nós haviamos adotado no nosso Relatório, localizando o ponto onde a Cruz teria sido levantada, numa região ao N. O. da boca do Mutarí, indo ao detalhe que podē ser examinado no grafico à fls. 97 de “A Carta de Pero Vaz de Caminha”.

O Major Salvador Pires, em seu trabalho, havia já concluido por um ponto ao Norte da Restinga.

Assim, temos, entre os modernos, três opiniões para o ponto ao Norte da foz do Mutarí e três para o ponto ao Sul da mesma embocadura.

Em busca de um desempate, procurando colher outros argumentos em nosso favor, resolvemos proceder a uma investigação mais a fundo nos domínios da semântica, tendo sempre em vista o sentido quinhentista das palavras e também a natureza do terreno para poder admitir a existência provável de matas, capoeiras baixas, e vegetação rasteira, na época do descobrimento.

Não levamos em conta a tradição invocada para justificar a locação da CRUZ DOS CAPUCHINHOS, porque não há documento que nos prove uma continuidade digna de nota nesse local tantas vezes assolado pelo indígena.

O resultado de nossa investigação, foi a rejeição da primitiva solução que dois anos mais tarde foi adotada pelo Snr. Cortezão, para opinarmos por uma outra, mais consentânea com a topografia e com a lógica, e que muito se aproxima da que foi apresentada pelo Major Salvador Pires de Carvalho e Aragão.

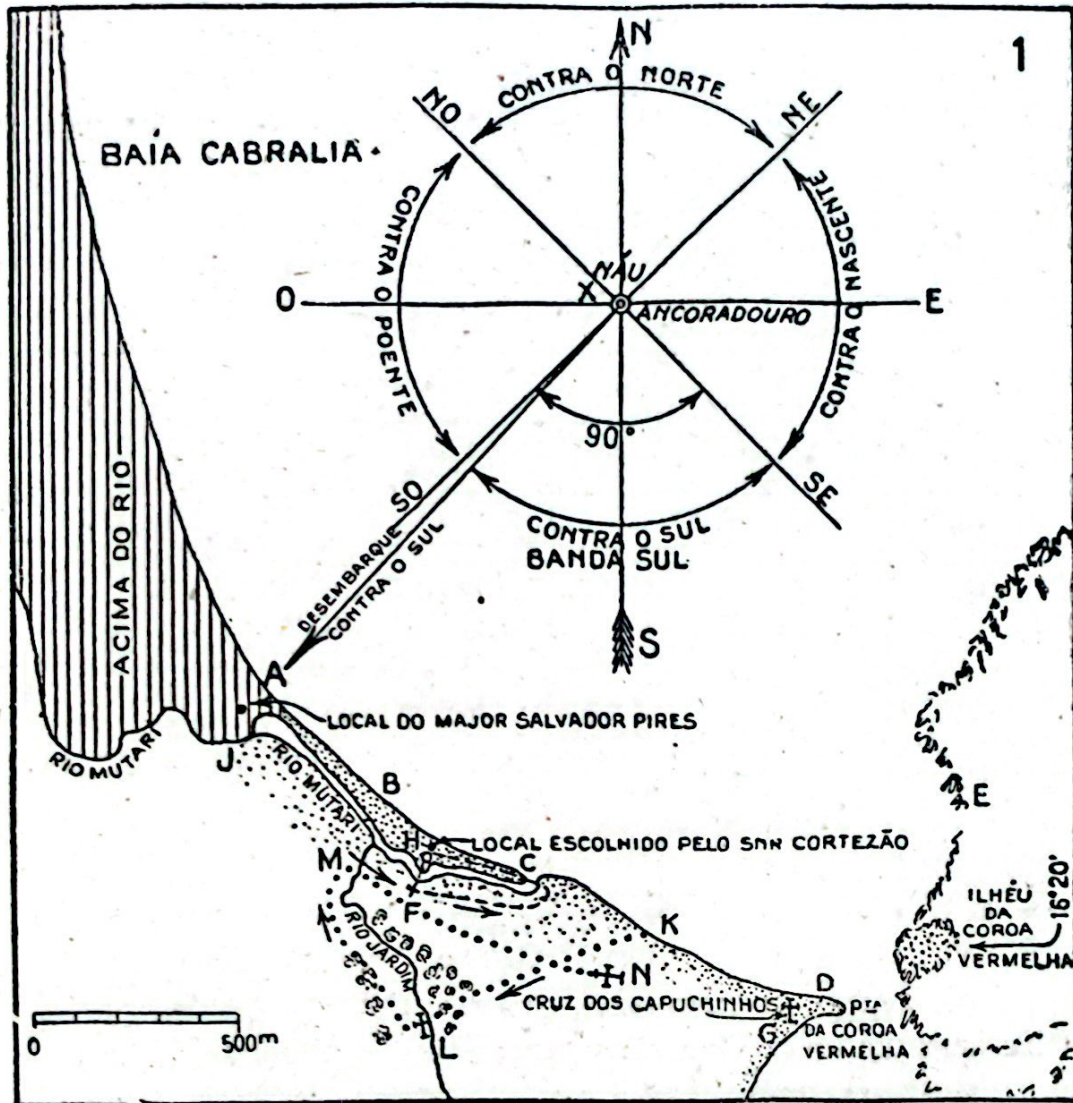
Achamos assim, que a solução do Major Salvador Pires, apesar dos erros que lhes foram atribuídos e da falta de comprovantes históricos, invocada para diminuir o valor de seu estudo, alcançou a periferia do retângulo de probabilidade dentro do qual a locação pode ser feita, enquanto que a do Snr. Cortezão se acha muito fóra da zona indicada por Caminha, — “acima do rio”, — em lugar precedente ao rio, como provaremos mais adiante.

A passagem de Caminha... “e fomos desembarcar acima do rio contra o sul”... que até hoje não foi devidamente analisada, contém preciosas indicações sobre o local de desembarque na Sexta-feira 1.º de Maio (data da Carta).

CONTRA O SUL

Partindo-se de uma náu ancorada em X, (grafico n.º 1) náu de onde Caminha teria partido para a terra, — DESEMBARCAR CONTRA O SUL é o mesmo que desembarcar em qualquer ponto da costa compreendido no setor SO-SE, do mesmo modo que desembarcar CONTRA O POENTE seria ir ter à terra num ponto incluído no setor SO-NO, como bem mostra o grafico n.º 1.

Se Caminha houvesse registrado unicamente um “desembarque” contra o Sul, o local descrito ficaria indeterminado, podendo ter sido

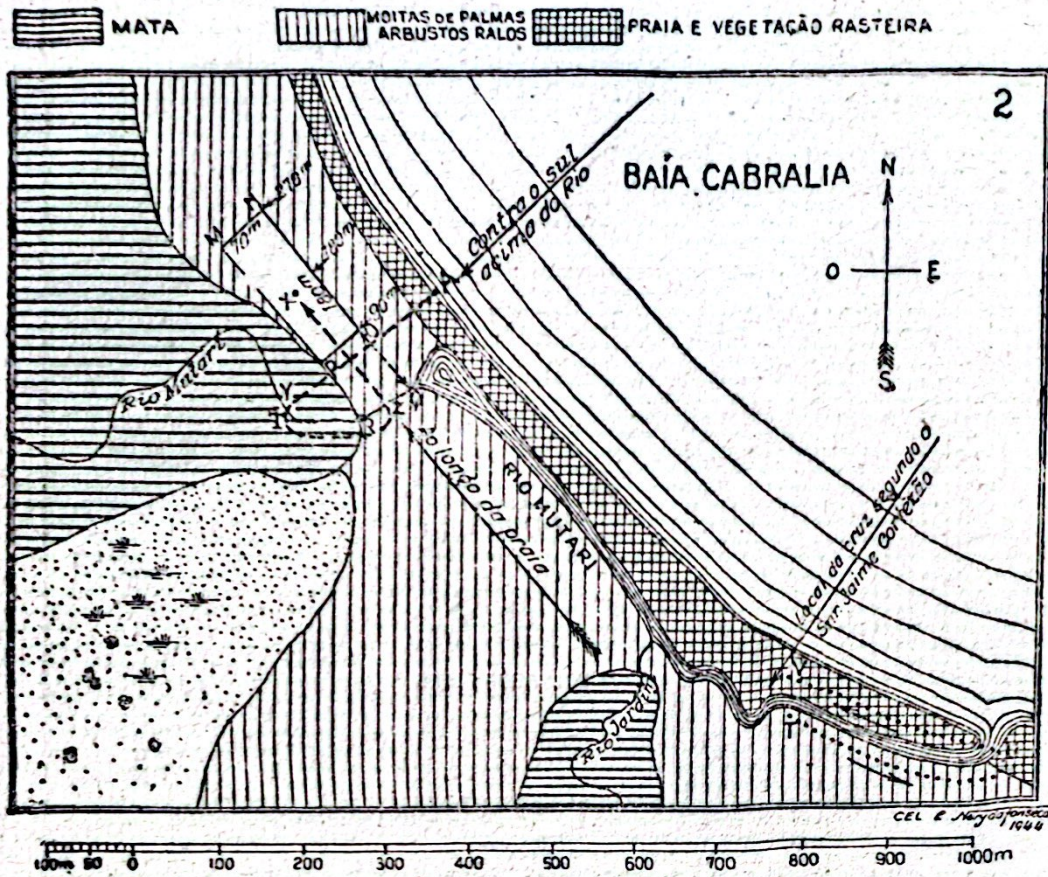


em qualquer ponto da costa, como A, B, C e D entre as direções SO e SE.

Caminha porem eliminou essa indeterminação antepondo “acima do rio”.

“Acima do rio, quer dizer, — em lugar precedente ao rio, e desse modo, “acima do rio contra o Sul”, determina um ponto nos arredores de A, (Graficos 1 e 2).

E' isso justamente o que vamos demonstrar, com a logica dos graficos 1 e 2, conjugada ao exame do texto de Caminha, tendo sempre em vista o linguajar dos navegantes portugueses coevos do descobrimento.



Principiemos pela expressão “contra o Sul”:

Na segunda, (diz Caminha) “mandou o capitam leuantar amcoras e fazer vela; e fomos de longo da costa com os batees e enquifes amarrados por popa, contra o norte”...

Na obra do Cardeal Saraiva, (D. Francisco de São Luiz), “Os Portugueses em Africa, Asia, America e Oceania”, encontramos a seguinte passagem:

“A 24 correram a costa para o Norte em busca de uma boa abrigada, e achando um lugar seguro para as náos, ahi lançaram ancora”.

Para o Cardeal Saraiva, navegar contra o Norte é o mesmo que navegar para o Norte, é o que se deduz da comparação dos dois textos. Dá ainda o Cardeal a seguinte indicação:

“A revelação desta viagem de Cabral, escrita por hum piloto Português, que nella hia, foi traduzida em latim por Archangelo Madrignano, e inserida no “NOVUS ORBIS REGIONUM

AC INSULARUM”, de GRINEO, tendo já sido vertida em italiano e metida na colleção de RAMUSIO com o titulo “Navegação do Capitão Pedro Alvares Cabral escrita por Hum piloto Portuguez”.

Esta revelação vem transcrita na “Collecção de Noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas”, — da Real Academia de Ciências de Lisbôa, tomo 2.º numero 3, e dela extraimos o seguinte:

“Na manhã seguinte, escorremos com elle a costa para o Norte, estando o vento Sueste”...

E’ justamente a passagem de Caminha”... e fomos de longo da costa com os bateis e esquifes amarrados per popa contra o norte...”

Passemos agora à linguagem nautica dos eruditos, a começar pelo insigne Duarte Pacheco Pereira, o ACHILLES LUSITANO de Camões, através do seu famoso “Esmeraldo de situ Orbis”, (edição comemorativa da descoberta da America, sob a direção de Raphael Eduardo de Azevedo Basto).

“Do Rio Nilo nos montes da Luua naçe alem do circulo da equinocial contra ho pollo antartico”... (O. cit. pg. 9).

“...hum grande braso corre por meo da ethiopia inferior contra oucidente”... (Ibidem, pg. 9)

“...nos pareceo bem escreur aqui em quantos graaos se alguns lugares de nos sabidos hapartam em ladeza da linha equinocial pera ho pollo artico ou antartico”... (Ibidem, pg. 11)

Ladeza é o mesmo que latitude, e conta o pollo Norte ou Sul quer dizer para o Norte ou para o Sul.

“Do curso que o sol faz contra cada hum dos tropicos”. (Ibidem, pg. 17)

“...ha outro monte que estaa a parte da terra contra oucidente...” (Ibidem, pg. 23)

“...de grandes baixos os quaes saeem ao mar contra a banda de noroeste duas legoas & mais”... (Ibidem, pg. 49)

Seria fastidioso continuar com as citações desse genero que se nos deparam em quasi todas as paginas dessa obra imorredoura.

Já no LIVRO DE MARINHARIA de João de Lisbôa, (publicado pelo Duque de Pamella em 1903), encontramos outro modo de expressão para as mesmas situações em que Duarte Pacheco empregava “contra”.

Quando se tratava de um rumo geral, abrangendo uma região ou setor, João de Lisbôa empregava "banda", no que era seguido por diversos autores de roteiros, porem em se tratando de uma direção determinada, usava já indicações fornecidas pela rosa dos ventos.

"O navio q for despanha e ouer vista de boa vista e de mayo e for pera a Ilha de san tyago vay da banda do sul delas"... (Op. Cit. pg. 129)

"...a maior serra fica da banda daloeste e da banda de leste tê-3-ou-4ylheos pequenos"... (Ibidem, pg. 135)

Examinemos como se expressa D. João de Castro no Roteiro ao Mar Roxo.

"...afrontaria da ilha, que se oppõe a parte septrentional"... (Op. cit. pg. 14)

"...está este porto no cabo da ilha, que se opõe ao occidente"... (Ibidem, pg. 20)

"...mas a outra frontaria da ilha, que se oppõe, e olha a terra do Arabio"... (Ibidem, pg. 36)

"...Porquê da ãna das portas atee o Promontorió contrario a Possidonia"... (Ibidem, pg. 37)

"A ponta desta ilha da banda Dalloeste, e oposta ao Abexy"... (Ibidem, pgs. 55-56)

"Muito visinhas a esta ilha de Maçuá, ESCONTRA o Sul"... (Ibidem, pg. 59)

"...de modo que o Preste teve ousadia de decer da serra e veio se assentar com sua gente em humas montanhas ESCONTRA o mar"... (Ibidem, pg. 70)

Umas montanhas não poderiam estar num rumo determinado, e sim num setor do horizonte fazendo frente ao mar.

"Desta ponta está aredada a ilha de Zemorgète espaço de 8 legoas ESCONTRA a parte de nasimento do sol"... (Ibidem pg. 155 e 156)

"...; porque desta ilha, assi da banda de Leste, como da parte Daloeste, saem grandes parcees, e restingas ESCONTRA a terra firme, de sorte que parecem correrem todo o mar,"... (Ibidem pg. 163)

"...e encontra a serra tem huma mata daruoredo"... (Ibidem pg. 171)

Emfim, somente encontramos neste Roteiro a palavra CONTRA, empregada à pagina 212, quando o autor cita Strabão:

“...segundo se lee em Strabam, liuro 17 dizendo estas pal-lauras: A cidade de Heroas, e Cleopatra, que alguns chamão Arsinoe, estam no recesso ou acabamento do sino Arabi-co, que sta CONTRA Egypto”.

Tambem no “Livro de Marinharia” de Bernardo Fernandes, ulti-mamente editado pela Agencia Geral das Colonias, (Lisbôa, 1940) colhemos alguns exemplos:

“E tem da banda do Sul uma serra e um pico, que faz de si quatro ou cinco montes pequenos; e tem mais contra a parte do Sul este pico uma serra alta que subjuga tôda a ribeira contra a ponta da baía”. (Op. cit. pg. 64).

“...; ao longe desta ilha alta da banda do Norte vereis outros cinco ou seis picos, cheios de arvoredos.” (Ibidem pg. 103 e 10.).

Pelo que se vê das passagens citadas, “contra o sul” é a mesma cousa que “da banda sul”; na linguagem nautica do seculo XVI, e os dicionarios vão ajudarnos a fixar esse sentido.

“CONTRA: — Em frente, ne mesma direitura, posto que se não veja o lugar ou pessôa, nem fysicamente se possa ver”. (Fr. Rosa de Viterbo, Elucidario). “CONTRA — Situação fronteira, em face, defronte, ex. edificar uma casa contra o nascente, contra o Mar; direção, ex. arrojãr uma lança contra o muro”... (Eduardo de Faria).

“*Escontra*, de fronte de, contra, em opposição”. (Candido de Figueiredo).

Em João de Barros, decada 4238, lêmos: “Dista cinco legoas de Dio, contra a ilha de Bet”.

Tambem os textos latinos empregam contra na mesma acepção: “*Italiam contra*”. Defronte da Italia Virgilio.

Domingos Vieira registra:

“CONTRA — Em opposição a, opondo-se a”, “Na direção de”.

“Começou a dizer hum marinheiro, que via grande frota como que pelejava huma contra outra; Clarimundo se levantou então, e olhando *contrá* aquela parte, tanto quanto via estar a não cercada”. (Clarimundo Barros).

“Não tardou muito que pelo caminho contra a fonte, veio um cavaleiro”... (Francisco de Moraes, Palmeirim d’Inglaterra).

“E apartando-se delles, caminhou tanto contra onde lhe parecia que a cova ficava”... Ibidem.

“E caminhando contra aquela parte”... Ibidem.

“... e olhando contra onde lhe bradavam”... Ibidem.

Portanto “desembarcamos contra o sul” é o mesmo que “desembarcamos escontra o sul” e “desembarcamos na banda sul”.

CONTRA, não indica um rumo preciso, topograficamente determinado, rumo que possa ser materializado por um só alinhamento, — indica um setor onde está localizada uma posição, uma cousa ou um lugar, fronteiros a um marco de referencia que pode ser o observador ou mesmo um acidente topografico, ou geografico.

BANDA, que as vezes substituia a expressão CONTRA, pasou para a linguagem geografica com o significado que vimos de apreciar.

Na obra de J. P. and W. Robertson “Letters on Paraguay”, publicada em Londres em 1838, encontra-se um mapa onde toda a região da margem esquerda do Rio Uruguay, desde a embocadura até a foz do Uruguay-Pitá está assinalada como “BANDA ORIENTAL del URUGUAY”.

Partindo-se da NAU ancorada em X, (Grafico n.º 1), viajar contra o sul equivale a seguir-se para uma região abrangida pelo setor SE-SO, e desembarcar contra o sul é o mesmo que saltar tem terra num ponto ao sul daquele de onde se partiu e situado dentro do setor SE-SO.

Este ponto de vista é essencial para poder-se interpretar a expressão de Caminha... “e fomos desembarcar acima do Rio contra o sul...”

Provado está portanto, que de bordo da nau, Caminha e seus companheiros partiram para desembarcar numa região da costa — que ficava da banda sul do ponto de partida, sem que isso repre-

sentasse um rumo topografico determinado, e sim a indicação de que esse trecho da praia estava aproximadamente compreendido no setor SE-SO.

Vamos agora analisar a parte muito importante da descrição do local de desembarque, isto é, a expressão "acima do rio", que constitue um verdadeiro parametro, o qual conjugado com o outro precedentemente examinado, vae fixar com precisão esse local.

ACIMA: — Os Dicionarios em geral, fornecem os seguintes significados: — Sobre, na parte superior, em gráu mais elevado, — em lugar mais alto. Se fossemos aplicar ao caso qualquer desses sentidos, teriamos um contrasenso, pois desembarcar num lugar mais alto de um rio, seria o mesmo que desembarcar em suas cabeceiras, o que é falho de sentido.

Vejamos se ha outra interpretação que se ajuste aos fatos descritos por Caminha, e para isso percorramos os Dicionarios mais abalizados, tantos antigos como modernos, procurando tambem amparo na Gramatica comparada.

ACIMA. "Supra; sursum". Vide cima.

CIMA. "Antes, Supra, ante". "Assi pelas razoens a cima ditas, com por estas & c. ("Pe. Raphael Bluteau) — Op. Cit)).

Cabe aqui perfeitamente a acepção de ANTES, pois razões acima ditas é o mesmo que razões ditas anteriormente.

No lafím empregava-se "Supra", acima, para indicar uma posição antecedente, um lugar situado antes de qualquer marco de referencia, nō tempo ou no espaço, senão vejamos as passagens de Cicero "Ut supra dictum est". — Como acima dicemos, ou fica dito e ainda "Supra me Atticus accubuerat". — Attico estava assentado à meza acima de mim, isto é, antes de mim. (Pedro José da Fonseca. — Dic. Portuguê-Latino).

No pequeno Dicionario da Lingua Portuguêsa, organizado por Hildebrando Lima e Gustavo Barroso, encontramos: — "ACIMA" — "Em lugar mais alto, em lugar precedente".

Não foi somente no português, que se fixou esse sentido latino, tambem nō espanhol e no inglês vamos encontra-lo.

No primeiro desses idiomas, "ARRIBA", além dos significados

vulgares, também quer dizer “precedentemente”. (Vêr Visconde Waldik, Novo Dicionario Hespanhol Português).

Em Inglês Lê-se “Above, acima”... “above mentioned”. Pe. Albino Ferreira, Dic. Inglês-Português):... “ABOVE”,... “above cited, above mentioned, above said”, acima dito, acima referido, “above all”, “acima de todos, em primeiro lugar” — Novo Dic. da Língua Portuguêsa e Inglêsa. — H. Michelis.

Constancio ainda é mais esplicito — “A CIMA, no lugar antecedente, anterior”...

Agora, podemos com segurança afirmar, que o desembarque efetuado no dia 1.º de Maio (Carta de Caminha), realizou-se num lugar antecedente ao rio; num lugar anterior ao trecho do rio que corre ao longo da praia, e precisamente na região assinalada no grafico n.º 1 com a letra A.

Desembarcar em lugar precedente ao rio, não é o mesmo que fazê-lo em qualquer ponto compreendido entre A e D, como se vê do grafico n.º 1, nem mesmo em B, e sim, nas proximidades de A, — esta é a única interpretação racional do texto de Caminha.

Além disso,

O Mutarí, entre A e C, não tem, nem podia ter na época do descobrimento, mata cerrada nas duas margens, porque o sólo aí é de areia e o sub-sólo em geral apresenta vastas extensões de recifes coralinos soterrados e formações de arenitos que o tornam improprio para outras vegetações senão as rasteiras, alguns abustos e “moitas de palmas” como refere Caminha.

Isto é confirmado,

pelo fato de, no dia 25 de Abril, na manhã em que Cabral ancorou, terem Nicoláu Coêlho e Bartolomeu Dias ido a terra levando dois indígenas que haviam trazido para bórdo na vespera,

os quais

saltando em terra, puzeram-se a correr, “...epasarã huum rio que perhy core dagoa doce de nujta agoa que lhes daua pela braga e

outros mujtos cõeles e foram asy corêdo aalem do rrio antre huus moutas depalmas onde estauam outros” . . . ,

o que vem demonstrar,

que nessa região não havia mata, porque do contrario, não poderia vêr-se indios a correrem e nem a outros estacionados entre moitas de palmeiras.

Esse desembarque foi efetuado no dia 25 de Abril e a descrição do local difere muito daquela que faz Caminha, quando do outro que fizeram no dia 1.º de Maio para escolher o local onde deviam chantar a grande Cruz de Madeira.

Assentada assim a fisionomia do local onde está compreendido o trecho do Mutarí que corre ao longo da praia, isto é, entre B e C, vamos vêr que o desembarque em lugar precedente ao rio, — antes do rio, como admitem os dicionaristas mais abalizados, — ajusta-se perfeitamente às descrições de Caminha.

Estivemos no local examinando a sua topografia, geologia e fitografia, como resultado assinalamos em traços gerais, no grafico n.º 2 as seguintes regiões: N.º 1 — matas, N.º 2 — vegetação baixa e “moitas de palmas” e N.º 3 — vegetação rasteira e praias descobertas.

A região de matas do Mutarí, é justamente a que mais nos interessa por apresentar dois característicos importantes: 1.º E’ uma mata fechada, onde ainda há algumas arvores que se prestariam a fornecer madeira para a construção de uma cruz, mata cerrada certamente no tempo em que Caminha lá esteve, por entre a qual sepeia o Mutarí; 2.º Quem desembarca perto de A pode ir ter a ela diretamente, sem atravessar o rio.

Era nessa mata que os homens de Cabral andavam cortando lenha, senão vejamos:

“aaterça feira depois decomer fomos a trra dar guarda de lenha e laur rroupa”.

..“Eem quanto faziamos alenha faziam dous carpenteiros huua grande cruz dhuu paa que se otem pera ysso cortou”.

Caminha não cita precisamente o local onde cortaram a arvore para fazer a cruz, porem elucidaremos esse ponto mais adeante, notando que foi numa mata onde havia papagaios, portanto numa mata alta, preferida por essas aves.

No dia 30 voltaram à terra para mais lenha e agua, dirigindo-se para o mesmo local do dia 28, onde — enquanto cortavam lenha, dois carpinteiros faziam a cruz, e vamos segui-los pela descrição de Caminha.

“aaqũnta feira deradeira dabrill comemos logo easy pola manhã e fomos em terra por mais lenha e agoa e em querendo ocapitam”
 “foy ocapitã com alguus denos huu pedaço per este auoredado ataa huua rribeira grande e de muita agoa que anoso parecer era esta meesma que vem têer aa praya em que nos tomamos agoa”.

Esta passagem não deixa a menor duvida de que, saltando em terra cerca do ponto A, dirigiram-se à mata do Mutarí, dentro da qual encontraram A RIBEIRA GRANDE de muita agua “que a nosso parecer era a mesma, que vem ter à praia”, e cujo curso não podia ser seguido com a vista, razão pela qual Caminha diz “parecer ser a mesma” . . .

Logo a seguir, continua Caminha: “aly jouemos huu pedaço bebendo e folgando ao longo dela antrese aruoredado que he tanto e tamanho e tam basto e de tantas prumajeês que lhe nõ pode home dar comto, ha antrele mujtas palmas deque colhemos mujtos e boos palmjtos”.

O fim dessa ida à mata, foi o exame da cruz que seria levantada no dia seguinte, como se verá a seguir.

“quando saymos do batel disse ocapitã que serja boos hirmos direitos aacruz q estaua emcostada ahuua aruore junto com orrio perase pcer de manhã que he sexta feira” . . .

A cruz estava na região “y”, depois do rio, como se verá mais adiante, e o Capitão com seus homens, desembarcando em “A”, foram direitos à cruz, isto é, ao local da mata onde ela estava, fazendo o trajeto “y”. Em “y” encontraram-na encostada a uma arvore, no local assinalado no grafico n.º 2, do outro lado do rio, além do rio, abaixo do rio, como esplanaremos a seguir.

ABAIXO

ABAIXO. DEPOIS — “Abaixo de Cicero he o principe dos oradores”. “Abaixo delle, não tenho mayor amigo, que vosso irmão.”

DEPOIS — “Depois de Cicero he o principe dos oradores” Padre Raphael Bluteau. — Op. Cit.

A volta para levantarem a cruz

“Eoje que he sesta feira primeiro dia de mayo pola manhaã saymos em trra cõ nossa bandeira e fomos desenbarcar acjma do rrio contra osul onde nos pareceo que serja mijlhor cantar a cruz pera seer mijlhor vista, e aly asijnou o capitã onde fizessem acoua peraaachantar. Eem quanto aficarã fazendo, ele com todos nos outros fomos pola cruz abaixo do rrio onde ela estua, trauuemola, daly cõ eses rreliojosos e sacerdotes diante cantañdo maneira deprecisam, pasamolo rrio ao longo dapraya e fomolo poer onde avia de seer que sera do rrio obra de dous tiros de besta, . . .”

Como se vê, apanharam a cruz e levaram-na em procissão para fora da mata, cerca de “z”, e depois atravessaram o rio ao longo da praia, isto paralelamente à praia, no trecho “R Q” (grafico n.º 2), e foram coloca-la a dois tiros de besta do rio, ou seja, aproximadamente em “x”.

Somente falta agora para um completo exame da questão, apreciar o justo sentido da expressão “ao longo da praia” e o alcance do tiro de besta.

AO LONGO

Primeiramente supuzemos ser “ao longo da praia” uma expressão elitica que desse a seguinte interpretação à passagem de Caminha: “passamos o rio no trecho em que ele corre ao longo da praia”, porem, do estudo detalhado da situação e dos textos dos roteiros, chegamos à conclusão de que Caminha assevera que o rio foi cruzado entre “R” e “Q” e em direção paralela à praia.

Esta interpretação conjuga-se perfeitamente ao itinerario feito pelos homens ao transportarem a cruz de “y”, do outro lado do rio, para “x”, passando por “z”, e vamos vêr que os textos vêm em auxilio de nosso ponto de vista.

DE LONGO, AO LONGO. (Colhemos em Bluteau).

Ao longo do mar. “Secudum mare”. — Ao longo da praya. “Secundum litus”. Plaut.

Os que vivem ao longo do mar roxo. “Rubri maris accolae” Quint. Curt. Ao longo deste rio há grandes arvores plantadas ao cordel em fileiras.

Andar ao longo do mar. "Secundum mare ire, ou itere facere" Cio.
 Navegar ao longo da praya. "Radere littus" Virgil.
 Voar baixo de longo da terra. "Volando terram".

OS TEXTOS

Recorramos aos quinhentistas, principiando pelo ESMERALDO de SITU ORBIS, edição comemorativa da descoberta da America.

...; "Por que huns desiam que nom curassem de descobrir AO LONGO DA COSTA do mar & que melhor seria irem pollo peguo hatrauessando ho golfam atee topar em alguma terra da India"... Op. Cit. pg. 86.

...." & asy se fez por que se este descobrimento se seguio AO LONGO DA COSTA do mar"... Ibidem, pg. 87.

...."daly por diante saee huma lombada alta AO LONGO do mar da qual lombada..." Ibidem, pg. 89.

...."E toda esta costa he suja AO LONGO da Ribeira (costa) de muita pedra"... Ibidem, pg. 89.

...."a qual tem da parte do norte hum grande medom com huma lingua de terra preta ao longo da Ribeira;... Ibidem, pg. 94.

Na linguagem do Esmeraldo, AO LONGO da praia quer dizer — acompanhando a praia, — paralelamente à praia, — com o mesmo rumo da praia, etc.

Vejamos agora como João de Lisbôa, no seu Tratado de Marinharia aplica essa expressão.

...."Veras húa terra grossa a maneira de lombada e tê ê cima de sy hu monte que parece atalaya ao longo do mar e esta terra toda arrecife"... Op. Cit. pg. 128.

...."hua terra preta ao longo do mar e he tudo praia"... Ibidem, pg. 130.

...."Sabe, que este Rio da Lagoa tê estes synaes / por cima faz hum aruoredo grande alto e rallo que parece pinheiros se fores ao longo da terra llogo veras alldeya e faz huua grande aberta"... Ibidem, pg. 139.

Navegar ao longo da terra, é o mesmo que navegar acompanhando a costa, paralelamente à costa. Empregamos aqui "paralelamente" no sentido figurado de "acompanhar ao par".

Um monte que parece atalaia ao longo do mar, é um monte litorâneo, lançado ao correr da praia ou costeando o mar.

Vôar de longo da terra equivale a vôar acompanhando terra.

No roetiro de Gôa a Suez, de D. João de Castro, edição referida, encontramos outras citações que confirmam o nosso ponto de vista.

....“é; a terra da ilha, que por esta banda vai ao longo da ribeira (costa), he huum forte rochedo, e penedia, e logo por detras, huua terra queimada, esteril, sem genero algum daruoredo”. Op. Cit. pg. 36.

“A terra, ao longo do mar, hia em outeirinhos, muito semelhantes a montes de trigo;... Ibidem pg. 45.

Mas a passagem que melhor faz resaltar o sentido da expressão em análise, é a que encontramos na “DESCRIPÇAM da COSTA, que se contem do porto de IGIDID até ÇOMOL”.

“Quanto é a descripção da terra, que vae sobre a costa, auemos de saber, que tanto auante como Igidid, até mea legoa a ree do porto de Çomol, *ao longo do mar*, vai a terra, toda em montes pequenos e muito juntos”... Op. Cit. pg. 151.

O autor descreve o interior da região costeira entre Igidid e Çomol, onde, ao longo do mar, ou acompanhando o mar, ha uma fileira de montes pequenos e muitos juntos.

Para terminar, vamos ao Livro de Marinharia de Bernardo Fernandes. (Publicação do Ministério das Colônias).

....“a 10 léguas tendes a Baía da Lagoa e se entrardes nela passareis *ao longo* da ponta de Oeste um bom tiro de pedra de mão”... Op. Cit. pg. 66.

“Quiloa tem dentro no sertão, sôbre si, uma serra muito alta e a terra *ao longo do mar* muito baixa”. Op. Cit. pg. 75.

“E terás tento na navegação que fizeres, porque as águas correm com os poentes *ao longo de costa* para o India”. Ibidem, pg. 86

Creemos estar bastante esclarecido, que atravessar ou passar um rio ao longo da praia, não quer dizer que somente se o possa fazer vadeando-o na fôz, por cima da praia, SE EM ALGUM TRECHO DE SEU CURSO, como no caso do MUTARÍ, SE O PODE FAZER NUM SENTIDO PARALELO A PRAIA, acompanhando a praia e é isto que se deduz da análise dos textos quinhentistas.

A passagem do Mutarí ao longo da praia, poderia destarte ser feita, tanto na embocadura, segundo o sr. Cortezão, como no trecho em que esse rio corre em demanda da costa, na direção normal ao litoral, como no ponto "Z", assinalado no grafico n.º 2, porem no primeiro caso Caminha diria "passamos o rio por sobre a praia", o que seria mais de acordo com a minucia descritiva do missivista.

Das duas possibilidades, tomaremos a segunda, pelas razões seguintes:

1.ª — A cruz foi feita na mata do curso do Mutarí antes de restinga.

2.ª — Dando o rio passagem com agua pela braga, poderia ter sido atravessado em qualquer ponto, não havendo necessidade de irem com a cruz até a fóz que fica distante, atravessando um terreno incomodo de palmilhar, e isso para depois voltar pela restinga até em frente ao ponto de partida.

O TIRO DE BESTA

Para bem apreciar-se até onde será possível levar a precisão na locação do ponto em que foi levantada a 1.ª cruz, necessario se torna o estudo de outro elemento ou dado do problema que é o alcance do tiro da besta.

Havia o tiro da besta, o tiro de besta pequeno e o tiro de besta grande.

Refere D. João de Castro no Roteiro já citado: ... "de maneira que o alto he a pique da cidade, e hum tiro de besta per todallas bandas em redondo"... Op. Cit. pg. 99.

..., desta banda della até hum tiro de besta grande"... Ibidem pg. 99.

... "ahi he a boca, e Canal, ho qual terá de largo hum tiro de besta pequeno". Ibidem, pg. 233.

Por aqui já encontramos a imprecisão de certos autores que dão o alcance da besta de modo geral, sem especificar se se trata de besta pequena, média ou grande.

Na nossa comunicação ao Sr. Presidente da Comissão, davamos o nosso ponto de vista sobre o alcance da besta, baseado em Martinez de Espinar "Arte de Ballesteria" e Larousse, concluindo por 135 metros.

Isto, porem, é o alcance eficaz maximo que se poderia obter com as *béostas de garrucha*, de tiro mais certo e de maior alcance do que as *de pelouro*.

"As *béostas de pelouro* tinham canno e disparavam balas de chumbo ou de pedra (pelouros), parecem ter sido armas do ultimo periodo da *béosta*". (Armario. Biblioteca do povo e das Escolas).

Havia ainda *BÉOSTAS* de polé: *béostas de torno* e *béostas de bodoque*". As *béostas* disparavam settas que se chamavam quadrelas, virotos e virotões". Ibidem.

Podemos agora apreciar o ponto de vista balistico, que vae mostrar ainda mais claramente o quanto de imprecisão existe nesse dado do problema.

Para uma dada arma e um mesmo angulo de tiro, o alcance depende principalmente da velocidade inicial do projétil e de seu coeficiente balistico.

A velocidade inicial somente seria constante para uma *béosta* determinada; bastaria mudar a natureza do arco, (madeira, chifre ou aço) para ter-se outras velocidades, e isso supondo que o projétil lançado fosse o mesmo ou outro perfeitamente igual em forma e peso especifico.

O coeficiente balistico depende da relação entre o peso especifico e a seção transversal da projétil.

Como se vê a questão não é tão prosaica como a primeira vista parece, porem estas considerações já bastam para prever um tiro de maior alcance para uma quadrela e um menor para um pelouro.

Se, porém, a quadrela fôr disparada por uma *béosta* de garrucha com arco de aço e o pelouro, com uma *béosta* de arco de madeira, pode-se com segurança afirmar que esta terá um alcance cerca de um terço do da outra.

Dando para a *béosta* de garrucha atirando quadrelas um alcance de 135 metros, segundo Martinez de Espinar e Larousse, teriamos para uma *béosta* de pelouro com arco de madeira, um alcance aproximado de 45 metros. Estas *béostas* ainda eram usadas no seculo XVI.

O Major Salvador Pires tomou este ultimo valôr (45 m), certamente por outras razões que não a simples adivinhação, e como vimos adotou um minimo, talvez por ter examinado somente a hi-

potese desta ultima bésta, e por isso o seu ponto de vista não pode ser considerado erraõ, como pretende o Sr. Jaime Cortezãõ.

O que existe de fato é uma indeterminaçãõ na estimativa do alcance, que varia de 45 a 135 metros, que para o caso de dois tiros abrange um intervalo provavel de 180 metros, onde poder-se-ia colocar o ponto tomando qualquer tipo de bésta.

Se tivéssemos o ponto certo onde o rio foi atravessado por esse ponto tirariamos uma parãlela à costa e sobre ela marcariamos dois pontos a 90 e a 270 metros do rio, entãõ sobre essa linha, a 180 metros do rio teriãmos uma posiçãõ media aceitavel, assinalada com "X" no grafico n.º 2. Como porem não temos o ponto certo onde o rio foi cruzado, chegamos à evidencia de que a Cruz poderia ter sido chantada em qualquer lugar dentro do retangulo MNOP.

Essa faixa de probabilidade pode ser reduzida tendo-se em vista que a cruz foi levantada em lugar onde fosse bem vista do largo, o que equivale a escolher, para acertar melhor, um ponto de cota mais alta.

Quando for feita a locaçãõ do futuro monumento, esse ponto pode ser devidamente assentado; basta escolher dentro do retangulo MNOP a cota mais alta e o local assim determinado serã o mais provavel.

Dizemos o mais provavel, porque não se trata de uma locaçãõ precisa, geometrica do ponto do terreno, porem de uma soluçãõ aproximada, fruto de dados imprecisos. Não enfrentamos uma questãõ de Geometria, porem um problema topografico com dados grosseiros que só permitem soluções proyaveis.

Toda qualquer soluçãõ dogmãtica, encontrarã crítica fácl que a invalide.

Porque discordãmos do Sr. Cortezãõ

- 1.º — Porque o desembarque nas proximidades de "V", na restinga, seria feito "contra o sul" porem não "acima do rio". Somente a regiãõ ao Norte da curva do Mutarí, como está assinalada no grafico n.º 1, é que pode ser considerada acima do rio, em lugar precedente ao rio, conforme o espirito da Carta de Caminha.
- 2.º — Porque desembarcando na costa, nas proximidades de

“V”, grafico n.º 2, não poderiam os marujos ir “direitos” à mata onde estava a cruz encostada numa arvore, de vez que a mata alta mais proxima acha-se nas margens do Rio Jardim. Em “T”, não poderia haver mata, dada a natureza do sólo e subsólo; aquele, areia fina e este calcareo coralino apresentando por vezes afloramentos de arenito, e mesmo que aí houvesse mata, teriam que atravessar o rio na ida, o que Caminha não refere.

- 3.º — Não ha duvida, que atravessando o rio em “U”, na sua foz, — como o trajéto assinalado no grafico n.º 2 indicada, se o teria cruzado ao longo da praia, porem neste caso Caminha teria dito “passando rrio pola praya”, o que seria mais preciso.
- 4.º — Localizada a cruz, como indica o Sr. Cortezão, não ha como afirmar que fique ela a dois tiros de béstia do rio; porque a restinga em sua parte mais larga tem cento e poucos metros, o que não se acomoda com o alcance do tiro de bésta adotado por ele que é de 140 a 150 metros. Para contornar a dificuldade o Sr. Cortezão tomou a distancia de dois tiros de bésta a contar da fôz do rio, o que redundava em encaixar a solução a martelo.
- 5.º — Se o páu para a cruz fosse cortado em “T”, grafico n.º 2, teriam atravessado o rio nesse mesmo ponto, visto a agua dar pela braga, e com muito menos trabalho a elevariam em “H”, grafico n.º 1, porem não teriam cruzado o rio ao longo da praia.

Porque não concordamos que Cabral e seus homens, houvessem desembarcados no trecho “C D” da praia para — escolherem o local da cruz.

- 1.º — Conquanto um desembarque no trecho “C D”, grafico n.º 1, fosse efetuado “contra o sul”, não o teria sido “acima do rio”, como sobejamente demonstramos.
- 2.º — Com um desembarque em “K”, grafico n.º 1, os marujos de Cabral poderiam ter ido “direitos” a cruz que estivesse na mata do rio Jardim, em “L” e poderiam ter atravessado esse rio “ao longo da praia” em “M”, gra-

fico n.º 1, para elevar a cruz em "N", porem existem passagens de Caminha que excluem o rio Jardim da questão, e que são justamente as que descrevem as atividades em terra nos dias 28, 29 e 30.

Voltemos à carta de Caminha.

...."aaterça feira depois decomer fomos ê trra dar guarda de lenha e lauar rroupa"..... "Eem quanto faziamos lenha, faziam dous carpenteiros huua grande cruz dhuu paaõ que se omtem pera ysso cortou". (dia 28).

E' lógico que a lenha fosse cortada na mata do Mutarí, porque era a mais próxima e para traze-la para bordo não seria necessario transporta-la nas costas CRUZANDO O RIO, e como o páu para a cruz, segundo Caminha foi tirado na mesma mata, emquanto cortavam lenha, é claro que a cruz foi feita nesse mesmo local.

No dia 29. — "foy ocapitã com alguus denos huu pedaço per este aruoredõ ataa huũ rribeira grande e de muita agoa que anoso parecer era esta mesma que vem teer aa praya em que nos tomamos agoa".

Esta ribeira grande QUE VEM TER À PRAIA é o próprio Mutarí, mesmo porque o Rio Jardim é um afluente e como tal VEM TER AO MUTARÍ E NÃO À PRAIA.

A ribeira de muita agua doce, com matas nas duas margens, onde se podia ir ter diretamente é portanto o Mutarí e não o Jardim.

Os trabalhos do MAJOR SALVADOR PIRES

A primeira parte do trabalho do Major Salvador Pires, a que estuda a questão da primitiva e da atual Porto Seguro, está fóra de apreciação porque ha inteira concordancia no seu ponto de vista como já nos referimos, vamos somente analisar o problema de localização do ponto em que foi levantada a cruz.

Varias razões levaram o Major Salvador Pires a escolha do — ponto a 90 m do Mutarí e a 100 m da praia, ponto que atualmente deve encontrar-se entre "O e P", porque durante os 45 anos que medeiam entre as pesquisas do Major Salvador Pires e esta data,

a praia deve ter avançado para o mar e a restinga aumentado de largura, de vèz que naquele tempo tinha ela a largura media de 25 metros, e hoje 25 metros corresponde à largura minima, excedendo em certos pontos a cem metros.

Diz o Major Salvador.

- 1.º — “O ribeirão mutarí que não é mais *“ancho que um jogo de manguás”*, pois tem em media 4,80 m de largura e que corre paralelamente ao mar ou que *“anda ao carão da praia”* 719 metros é o referido por Caminha”.
 - 2.º — “A distancia que o separa do mar sendo, em media, de 25 metros e a ribeira constituída por comoros de areia, não foi necessariamente ahi que plantou Cabral a primeira cruz, Além de que falta uma das condições descritas, — a distancia que medeia da cruz ao rio *“que será obra de dois tiros de bésta”*.”
 - 3.º — “Subindo o rio desde a sua fós na distancia de 719 metros que elle *“corre ao carão da praia”* muda rapidamente a orientação junto de um pequeno morro coberto, hoje, de palmeiras ficando perfeitamente visível do mar do qual dista cento e poucos metros. Da parte plana da pequena elevação ao rio distará *“obra de dois tiros de bésta”* (45 a 50 metros)”.
Esta elevação está acima do nível do mar onze metros rodeada de jussaras e mussandós e estende-se para oeste acompanhando o rio na distancia de mais de um quilometro”.
- (Bahia Cabralia e Vera Cruz. Major Salvador Pires de Carvalho e Aragão).

Como vemos, o Major Salvador Pires tomou o mínimo alcance de bésta, 45 a 50 metros, e a isso foi levado pela condição de ser o ponto bem visível do lado do mar, e assim ficou na periferia do retangulo de probabilidade “M N O P”.

Não foi um erro do Major Salvador Pires, como afirma o Sr. Jaime Cortezão, nem tão, pouco fantasia como asseveram outros, por

não existir atualmente na região "O P" um morro com onze metros de cota.

A expressão morro, deve ser tomada como COMORO, como duna velha porque aí tudo é areia. Naquela época, ha 45 anos, o comoro estava rodeado de jussaras e mussandós que o protegiam contra a DEFLAÇÃO eólica, que depois da derrubada, foi exercendo a sua função de transporte e abaixando a cota. Nada disso é extraordinário para quem sabe dar o justo valor a cota de um comoro a cem metros do mar.

Como esta questão entrou em grande controversia, escapando já do ponto de vista individual, e atendendo a que somos o Representante do Ministério da Guerra na comissão nomeada pelo Exmo. Sr. Presidente da Republica, resolvemos trazer o resultado das nossas pesquisas à consideração do INSTITUTO de GEOGRAFIA e HISTORIA MILITAR DO BRASIL, para que finalmente possa ser dita a ultima palavra sobre o assunto.

NOTA — Este artigo é publicado novamente, por ter sahido com incorreção, no numero anterior.